

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: ANÁLISE DE OBJETIVOS E DE ROTEIROS

Eduardo José Manzini - Depto de Educação Especial,
Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília
Apoio: CNPq

Resumo

Uma das características da entrevista semi-estruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado. Nosso objetivo nesse trabalho foi analisar roteiros de jovens pesquisadores, bem como verificar a adequação dos objetivos pretendidos para a pesquisa. Para isso utilizamos de categorias de análise baseadas em cuidados com linguagem, forma e seqüência das perguntas nos roteiros. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes apresentou objetivos que não poderiam ser alcançados por meio de uma entrevista. Também foram constatadas dificuldades em termos de linguagem, uso inadequado de jargão, perguntas com múltiplas finalidades, seqüência inadequada das perguntas nos roteiros. É possível concluir que as categorias utilizadas podem ser generalizadas e empregadas por outros pesquisadores que fazem uso de entrevista semi-estruturada.

Semi-structured interview: analysis of objectives and guides

Abstract

One of the characteristics of the semi-structured interview is the use of a guide elaborated previously. Our objective in this research was to analyse guides made by young researchers, as well as to evaluate the intend objectives to the research. To do that we used categories of analysis based in care with language, form and sequence of the question in the guide. The results indicated that most of the participantes had objectives that could not be reached by the interview. It is also verified difficulties in the language, unappropriate use of jargon, multiple-goals questions, unappropriate sequence of questions in the guides. It is possible to conclude that the used categories can be generalized and used for outer researchers that make use the semi-structured interview.

Introdução

Vários trabalhos já ressaltaram as vantagens, as desvantagens e cuidados necessários ao utilizar a entrevista como procedimento para coleta de dados em pesquisa (NOGUEIRA, 1968; BUGEDA, 1974; ANDER-EGG, 1976; BLEGER, 1980; QUEIROZ, 1983; TRIVIÑOS, 1987, MANZINI, 1990/1991; DIAS & OMOTE, 1995).

Temos abordado o assunto *entrevista* dividindo, didaticamente, esse tema em três grupos: 1) questões relacionadas ao planejamento da coleta de informações; 2) questões sobre variáveis que afetam os dados de coleta e futura análise; 3) questões que se referem ao tratamento e análise de informações advindas de entrevistas, sendo que esse último foge do objetivo do presente texto (MANZINI, 2003).

Dentre as questões que se referem ao planejamento da coleta de informações, estão presentes a necessidade de planejamento de questões que atinjam os objetivos pretendidos, a adequação da seqüência de perguntas, a elaboração de roteiros, a necessidade de adequação de roteiros por meio de juízes, a realização de projeto piloto para, dentre outros aspectos, adequar o roteiro e a linguagem.

Outros autores têm focado variáveis que afetam a coleta de informações e os futuros dados, podemos citar a influência da intervenção do entrevistador na produção do discurso do entrevistado (GILBERT, 1980; BRENNER, 1985; BLANCHET, 1988; DIAS, 1997), a influência da intervenção do entrevistador nos processos de raciocínio do entrevistado (MANZINI, 1995; MANZINI & SIMÃO, 2001) e a influência da intervenção do entrevistador nos processos de memória do entrevistado (DISCOVERY CHANNEL, 2001).

Além dessas três formas de estudar o tema entrevista, outra maneira é separá-la em tipos. Esses tipos de entrevistas são conhecidos na literatura por *entrevista estruturada*, *semi-estruturada*, e *não estruturada*. Apesar de a literatura trazer outras nomenclaturas, temos adotado essa terminologia por achá-la mais adequada. Assim, a *entrevista não estruturada* é também conhecida como entrevista aberta ou não diretiva, a *entrevista estruturada* é conhecida como entrevista diretiva ou fechada, e a *entrevista semi-estruturada* é conhecida com semidiretiva ou semi-aberta.

Na nossa concepção, todas as entrevistas se dirigem para algum lugar, pois antes da realização da coleta temos um objetivo de pesquisa que dirige nossa busca. Dessa forma, ficaria difícil manter coerência teórica com o termo diretivo ou não diretivo. Um segundo ponto teórico se refere às expressões “entrevista aberta, semi-aberta e fechada”. Essas expressões podem trazer confusão com a terminologia *questões abertas* e *questões fechadas*, ou seja, posso ter questões abertas ou fechadas durante uma entrevista, mas eu não saberia dizer o que seria uma pergunta semi-aberta. Nesse sentido, ficaria difícil manter coerência teórica ao falar de entrevista semi-aberta. Além disso, se nos determos a estudar questões abertas, poderemos verificar uma grande variação desse tipo de pressuposto, algumas questões serão, provavelmente, mais abertas do que outras, pois a delimitação do que responder acaba sendo colocada pelo tipo da pergunta.

Dessa forma, no presente texto adotaremos a nomenclatura entrevista semi-estruturada.

A entrevista semi-estruturada e o roteiro

Em se tratando da entrevista semi-estruturada, atenção tem sido dada à formulação de perguntas que seriam básicas para o tema a ser investigado (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 2003). Porém, uma questão que antecede ao assunto *perguntas básicas* se refere à definição de entrevista semi-estruturada.

Autores como Triviños (1987) e Manzini (1990/1991) têm tentado definir e caracterizar o que vem a ser um entrevista semi-estruturada.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Um ponto semelhante, para ambos os autores, se refere à necessidade de perguntas básicas e principais para atingir o objetivo da pesquisa. Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

A natureza das perguntas básicas para a entrevista semi-estruturada também foi estudada por ambos os autores (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1995, 2001, 2003).

Ao se referir aos tipos de perguntas na entrevista semi-estruturada, (TRIVIÑOS, 1987, p. 150) faz uma diferenciação embasada no tipo de vertente teórica: fenomenológica ou histórico-estrutural (dialética).

Numa linha teórica fenomenológica, o objetivo seria o de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais. Assim, as perguntas descritivas teriam grande importância para a descoberta dos significados dos comportamentos das pessoas de determinados meios culturais. Numa linha histórico-cultural (dialética), as perguntas poderiam ser designadas como explicativas ou causais. O objetivo desse tipo de pergunta seria determinar razões imediatas ou mediatas do fenômeno social. Para ilustrar, o autor apresenta alguns exemplos: “por que pensa que os alunos têm dificuldades para assimilar os conteúdos de matemática? A que se deve, segundo o seu ponto de vista, a evasão escolar?” Em relação às perguntas mediatas, o autor ilustra com dois exemplos: “você está participando na organização de uma cooperativa, por que acha que essa forma de desenvolvimento econômico contribui para o progresso seu e de sua comunidade? Você diz que pertence à classe média. Existem outras classes sociais e por que elas existem? (TRIVIÑOS, 1987, p. 151).

Além dos tipos de perguntas apresentados, Triviños (1987, p. 151) distingue quatro categorias: 1) perguntas denominadas *conseqüências* como, por exemplo, “o que pode significar para a comunidade urbana, na qual vive a grande quantidade de pessoas, quem não sabe ler nem escrever?”; 2) perguntas avaliativas, do tipo, “como julga a resposta da vizinhança ao convite para participar da organização de uma cooperativa?”; 3) questões hipotéticas, como, “se você observasse que seus alunos brigam freqüentemente entre si, qual seria seu comportamento como professor?”; 4) perguntas categoriais, se você observasse a respostas de seus vizinhos frente à possibilidade de organização de uma cooperativa, em quantos grupos nós poderíamos classificá-los”. Conclui o autor salientando que as categorias de perguntas não deveriam ser amarras para entrar a pesquisa, mas para abrir perspectivas para análise e interpretação de idéias.

Preocupado com as pesquisas desenvolvidas na área de Educação e Educação Especial que utilizam a entrevista como forma para coletar informações, apresentamos (MANZINI, 2003) várias considerações sobre a elaboração de roteiros para entrevista semi-estruturadas. Alguns cuidados que o pesquisador deveria observar ao formular as questões para o entrevistado poderiam ser resumidos em: 1) cuidados quanto à linguagem; 2) cuidados quanto à forma das perguntas; e 3) cuidados quanto à seqüência da perguntas nos roteiros. Dessa forma, o presente trabalho é uma aplicação prática dos construtos teóricos apresentados naquele trabalho anterior (MANZINI, 2003). Partindo do pressuposto de que uma boa entrevista começa com a formulação de perguntas básicas, que deverão atingir o objetivo de pesquisa, é possível fazer uma análise do roteiro para identificar a sua adequação em termos de linguagem, estrutura e seqüência das perguntas no roteiro.

Objetivo

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi analisar roteiros para entrevista semi-estruturada, elaborados por pesquisadores de mestrado e doutorado, com o intuito de identificar os tipos de dificuldades presentes.

Método

A pesquisa foi desenvolvida junto aos alunos de Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília, dentro das disciplinas *Coleta de dados por meio de entrevistas e diálogos* e *Análise de dados em entrevistas e diálogos*. Ambas as disciplinas têm se constituído em um espaço para verificar as dificuldades de novos pesquisadores (mestrandos), bem como dos mais experientes (doutorandos), e para promover discussão e implementar diversas formas de coleta e de análise de dados advindos de entrevistas. Esse espaço acaba se configurando em um laboratório para pesquisa sobre o processo de elaboração e utilização de roteiros e para

análise de dados de natureza verbal provenientes de entrevistas e diálogos. Nesse espaço, os pesquisadores colocam suas dúvidas, angústias e dificuldades. A disciplina tem diversas atividades práticas e a primeira delas é a elaboração de um roteiro para entrevista, a ser realizada no semestre seguinte.

Os alunos, no primeiro dia de aula, elaboram e entregam, por escrito, um roteiro para entrevista. Posteriormente, os roteiros são discutidos e adequados aos objetivos da pesquisa, bem como quanto à linguagem, estrutura e seqüência.

Os dados analisados aqui são provenientes da primeira versão dos roteiros, ou seja, ainda não foram revistos, nem discutidos e nem adequados. Essa seria, então, uma boa fonte de pesquisa para verificar quais as dificuldades em formular perguntas, quer para iniciantes em pesquisa (mestrado), quer para mais experientes (doutorado). Esses roteiros poderiam conter várias imperfeições, o que seria objeto de análise.

Participaram da pesquisa vinte e três alunos, portanto, analisamos 23 roteiros. Duas frentes de investigação foram traçadas 1) adequação dos objetivos de pesquisa ao procedimento de coleta por meio de entrevista ; 2) adequação de roteiro e perguntas.

A primeira análise se ateve aos objetivos enunciados pelos participantes para utilizarem a entrevista como coleta de informação, dado que possibilitou verificar se se tratava de um objetivo que poderia ou não ser alcançado por meio de entrevista.

Para análise das perguntas dos roteiros verificamos: 1) estrutura dos roteiros (se por meio de perguntas ou itens); 2) quantidade de perguntas nos roteiros; 3) análise da adequação das perguntas e 4) seqüência adequada das perguntas no roteiro.

Para a análise da adequação das perguntas usamos as considerações teóricas de Manzini (2003), que serão apresentadas mais adiante.

Resultados e discussão

O primeiro ponto de análise se referiu à adequação de usar a entrevista para entender o fenômeno estudado. O uso da entrevista é indicado quando a natureza da informação se tratar de fenômeno que ficaria difícil ou impossível de ser observado.

Geralmente a entrevista é indicada para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativas, percepções sobre objetos ou fatos ou ainda para complementar informações sobre fatos ocorridos que não puderam ser observados pelo pesquisador, como acontecimentos históricos ou em pesquisa sobre história de vida, sempre lembrando que as informações coletadas são versões sobre fatos ou acontecimentos.

Na tabela 1 é apresentada uma classificação sobre a possibilidade ou não de se atingir o objetivo pretendido por meio de entrevista.

Tabela 1 - Adequação da metodologia de coleta ao objetivo da pesquisa

Categorias	Perguntas	Itens	Total
O objetivo possibilita ser alcançado por meio de entrevista	8	1	9
O objetivo não possibilita ser alcançado por meio de entrevista	9	4	13
O objetivo não foi claramente descrito	0	1	1
Total	17	6	23

Podemos verificar que a maioria dos objetivos descritos não possibilitava ser alcançado por meio de entrevista, ou seja, os alunos necessitavam apreender as funções desse procedimento de coleta de informação, principalmente *para que* ele serviria em uma pesquisa.

Esse dado é importante porque o jovem pesquisador parte do pressuposto de que a entrevista pode alcançar o estudo de fenômenos factuais, ou seja, o desejo é estudar fatos, mas por meio da entrevista só é possível estudar o relato sobre os fatos. Nesse sentido, acaba ocorrendo uma confusão em trocar relato pelo fato. Alguns exemplos podem ser apreciados nos objetivos extraídos de alguns roteiros: a) verificar a realidade escolar quanto à questão do uso

do álcool e b) verificar se a contaminação por chumbo causa déficit cognitivo em crianças contaminadas e investigar comportamentos decorrentes da contaminação do chumbo.

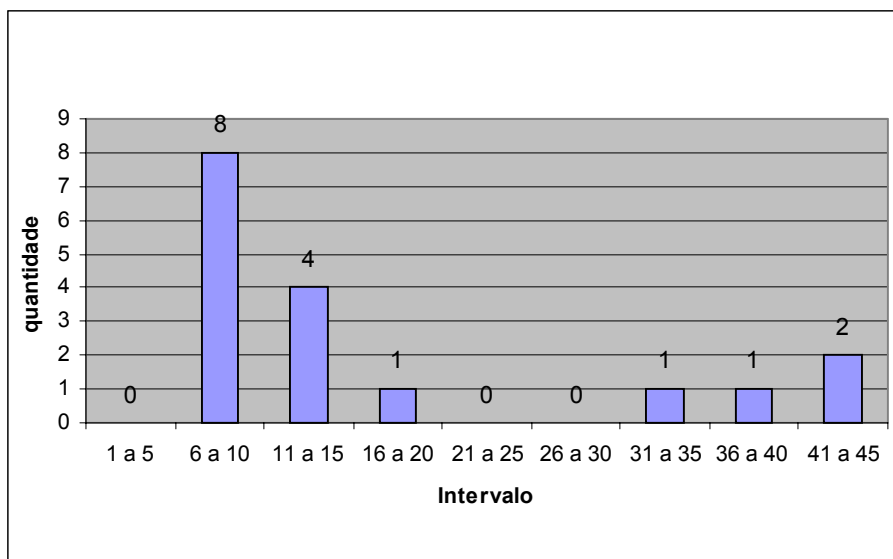
Os dois exemplos citados nos fornecem pistas sobre a troca do relato pelo fato. O próprio verbo utilizado “verificar” nos dá a dica de que nosso jovem pesquisador quer “ver” algum fato, mas por uma entrevista, conseguiremos, talvez, *vislumbrar* algum fato. No primeiro objetivo, verificar a realidade e verificar o uso de álcool torna-se uma tarefa possível se utilizarmos a observação. Por meio de uma entrevista teríamos uma versão sobre o tema estudado. No segundo exemplo, também a observação, bem como exames laboratoriais seriam mais adequados para estudar o fenômeno apontado. Nos objetivos estudados, a confusão em descrever o objetivo pretendido levou os nossos participantes a assumir o relato pelo fato. Nossa experiência com análise discurso nos mostra que isso também ocorre no momento de interpretar o dado de natureza verbal, ou seja, o jovem pesquisador pode cair da armadilha de achar que aquele fato ocorreu da maneira como ele foi relatado.

Nos exemplos citados, podemos ainda salientar que a entrevista pode ser um meio *complementar* para estudar os objetivos pretendidos, na medida que é possível compreender o que as pessoas pensam sobre o uso de álcool ou quais comportamentos parecem ser decorrentes da contaminação por chumbo. Às vezes, o fenômeno pode até ser estudado por meio da entrevista, porém, o objetivo descrito deve ser coerente com a metodologia a ser utilizada.

Outro dado interessante refere-se à estrutura dos roteiros, se por perguntas ou por itens. Podemos notar que, dos seis roteiros apresentados na forma de itens, apenas um se enquadra na categoria *possibilita ser alcançado por meio de entrevista*. Salientamos que todos os participantes que construíram roteiros, baseados em itens, eram alunos do mestrado, dado que nos leva a interpretar que os participantes que estruturaram o roteiro por meio de itens estão mais propensos a cometer equívocos sobre o processo de entrevista, ou seja, parecem ser pouco experientes ao lidar com procedimento de coleta de dados por meio de entrevista.

O segundo ponto de análise se referiu à adequação dos roteiros e perguntas. Para quantificar as perguntas nos roteiros, tabulamos o número de perguntas em intervalos de 5 em 5 unidades. Esse dado pode ser visto na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição e quantificação das perguntas dos roteiros.



Podemos observar que os participantes tenderam a construir roteiros com o número de 6 a 15 perguntas ou a construir os roteiros com um número elevado de perguntas (entre 31 a 45).

Em oito roteiros o número de perguntas variou de seis a 10 e em quatro roteiros o número de perguntas variou de 11 a 15. Quatro roteiros apresentaram de 31 a 45 perguntas, o que pode ser considerado um número elevado, o que nos leva a interpretar que talvez a entrevista semi-estruturada pode não ser indicada nestas pesquisas, ou seja, talvez o objetivo de pesquisa seja tão amplo que seria mais indicada a utilização de uma entrevista não estruturada.

O questionamento do jovem pesquisador sobre qual seria o número ideal de perguntas apresentadas em um roteiro ou em uma entrevista é muito comum. Com certeza, o número de perguntas em um roteiro deve ter relação direta com o objetivo do estudo. Um objetivo mais amplo, provavelmente deverá conter um maior número de perguntas. Porém, para um objetivo muito amplo deve-se considerar o uso de outro tipo de entrevista.

Ao analisarmos a estrutura dos roteiros pudemos constatar que dos 23 roteiros analisados, 17 foram construídos em formas de perguntas e seis foram construídos em forma de itens ou tópicos. Mas o que isso significa para o processo de coleta de dados?

A formatação de um roteiro por meio de tópicos não garante que o pesquisador formule adequadamente as indagações no momento da entrevista. Além disso, quando se trata de entrevistar vários participantes, o entrevistador poderá indagar diferentemente na presença de cada um dos informantes, apesar de a linguagem e de nossa língua propiciar buscar mensagens iguais a partir de verbalizações diferenciadas. Parece que a indicação por tópicos pode auxiliar o entrevistador a mapear o que deseja buscar no processo de interação, porém para pesquisadores iniciantes o roteiro construído por meio de perguntas parece ser um meio mais sensato para buscar informação e uma forma para adquirir segurança naquilo que deseja pesquisar. Talvez o roteiro por itens seja adequado para entrevistadores – pesquisadores experientes.

Uma segunda consideração sobre o roteiro baseado em perguntas se refere à possibilidade de análise das perguntas do roteiro antes da coleta. É possível, por meio de um roteiro elaborado por perguntas, descobrir as imperfeições do roteiro e das perguntas, bem como servir como treino simbólico antes da coleta. A tentativa de compreender o que se quer buscar com as perguntas do roteiro é um treino no sentido de saber e ter consciência sobre o tipo de pergunta que é possível apresentar ao informante no momento da entrevista. A partir de um roteiro com perguntas bem elaboradas, a possibilidade de acertar nas intervenções pode aumentar. Um roteiro bem elaborado não significa que o entrevistador deva tornar-se refém das perguntas elaboradas antecipadamente à coleta, principalmente porque uma das características da entrevista semi-estruturada é a possibilidade de fazer outras perguntas na tentativa de compreender a informação que está sendo dada ou mesmo a possibilidade de indagar sobre questões momentâneas à entrevista, que parecem ter relevância para aquilo que está sendo estudado.

Nosso último ponto de análise se refere à adequação das perguntas e usaremos, para isso, parte das considerações apresentadas em trabalho anterior (Manzini, 2003).

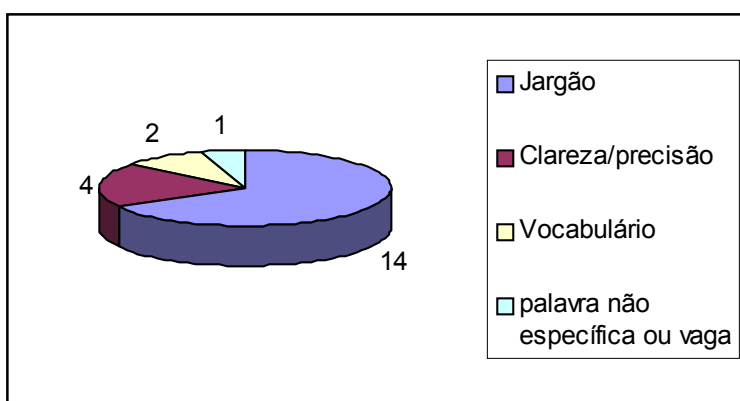
A adequação das perguntas pode ser investigada a partir de três classes de análise: 1) adequação da linguagem (vocabulário, jargão, clareza e precisão, uso de palavra não específica ou vaga); 2) adequação da forma das perguntas (tamanho das perguntas, averiguação da dificuldade de elaboração mental por parte do entrevistado, impacto emocional de determinadas palavras, frases manipulativas, perguntas com múltipla finalidade) e 3) seqüência de apresentação das perguntas no roteiro (das mais fáceis de serem respondidas para as mais difíceis e utilização de blocos temáticos). Cabe salientar que essas classes de análise não são mutuamente exclusivas, ou seja, é possível o pesquisador construir uma frase manipulativa e que busca informação com múltiplas finalidades, ou ainda, que use jargão e que traz como consequência impacto emocional. Os Quadros 1 e 2 apresentam exemplos ilustrativos identificado nos roteiros analisados.

Quadro 1 – categorias de análise que podem ser avaliadas enfocando a linguagem.

Categorias	Exemplos do roteiro original	Possível reformulação
Vocabulário inadequado	(pergunta para pais) Houve algum evento familiar significativo experimentado pelo aluno que esteja relacionado ao comportamento inadequado?	Na sua opinião, aconteceu algo na família que pode se relacionar com o comportamento agressivo de seu filho?
Uso de jargão	(para aluno com deficiência) Quais as suas necessidades educacionais especiais no ensino superior?	Que tipos de dificuldades você encontra na universidade?
Faltou clareza ou precisão	(para médico residente) você acredita no tema desnutrição hospitalar?	O que você poderia me dizer sobre desnutrição hospitalar?
Palavra não específica ou vaga	(pergunta para professora) Você usa a voz como <i>recurso didático</i> em sala de aula?	A intensidade de sua voz varia durante a aula? Em quais situações?

Na figura 2 podemos observar os dados encontrados na análise dos 17 roteiros.

Figura 2- Análise dos roteiros enfocando a categoria linguagem.



Podemos verificar que a utilização de jargão foi uma das categorias mais apresentadas. Como já mencionado em outra publicação (MANZINI, 2003), um dos problemas frequentemente constatados em roteiros para entrevista é que, em algumas perguntas, o pesquisador ou entrevistador faz uso de palavras que são próprias do jargão técnico dele. O jargão técnico pode ser utilizado desde que a população a ser entrevistada conheça e utilize os termos técnicos.

Outras categorias de análise podem ser visualizadas no quadro 2.

Quadro 2 – Categorias que podem ser avaliadas enfocando a adequação das perguntas

Categorias	Exemplos no roteiro inicial	Possível reformulação
Tamanho da pergunta	(para um estudioso da obra de Carneiro Leão) Tendo em vista o momento histórico em que Carneiro Leão publicou sua obra, podemos realizar um paralelo ao momento histórico atual em relação à relevância e/ ou limites de sua obra para construção do conhecimento em administração da educação?	Como você interpretaria hoje a obra de Carneiro Leão no campo da construção do conhecimento em administração da educação?

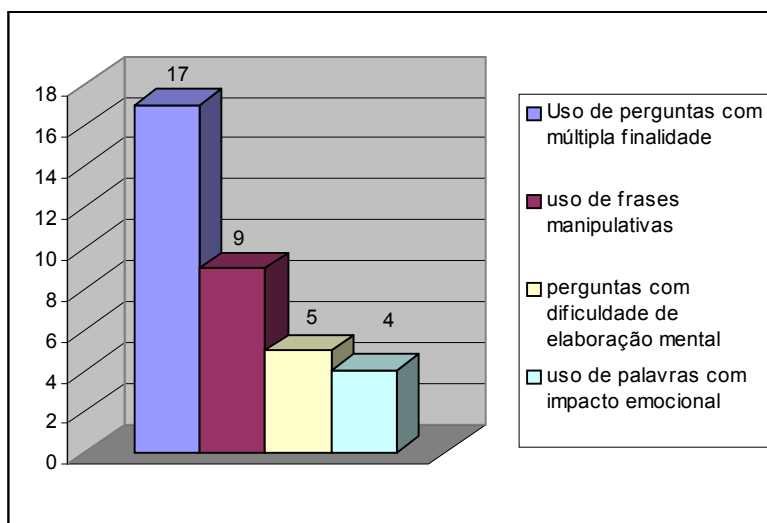
Dificuldade de elaboração mental do entrevistado	(para uma professora) Como as crianças surdas aprendem a ler?	Baseado na sua experiência, como você acha que as crianças surdas aprendem a ler?
Uso de palavras que causam impacto emocional	(para uma mãe com filho que possui infecções constantes no ouvido) Você sabe o que é uma infecção de ouvido / otite média em crianças?	Como que você percebe que o seu filho está com dor ou problema de ouvido?
Uso de frases manipulativas	(para profissionais que trabalham com educação infantil) Você consegue perceber a mudança de enfoque da educação infantil após a constituição de 1988?	Você acha que após a constituição de 1988 houve mudança de enfoque na educação infantil?
Uso de perguntas com múltipla finalidade	Descreva como as crianças aprendem a ler. Se possível, você deverá citar as fases de desenvolvimento da criança no aprendizado da leitura	Baseada na sua experiência, como as crianças começam a aprender a ler? E depois, qual é a fase seguinte?

Na figura 3, podemos observar os dados encontrados na análise dos 17 roteiros ao focar a categoria adequação das perguntas.

Podemos observar, na Figura 3, que a construção de perguntas com múltiplas finalidades ocorreu dezessete vezes. Logo em seguida verificamos 9 ocorrências de perguntas manipulativas.

Esses dados nos levam a refletir sobre o processo de coleta durante a entrevista. É bem provável que necessitemos, ao entrevistar um informante, indagar várias vezes sobre um item ou conceito específico que desejamos investigar. Dessa forma, a construção do roteiro pode auxiliar a organizar essas indagações numa ordem lógica.

Figura 3 - Análise dos roteiros, enfocando a categoria adequação das perguntas.



Sobre questões manipulativas, lembramos que podem existir diferentes nuances de manipulação. Por um lado, podemos ter intervenções extremamente manipulativas, tal como apontam e exemplificam Rea e Parker (2000): “Um dos dez mandamentos diz ‘não matarás’. Você acredita que o estado tem o direito de exercer a pena capital?”. Por outro, a manipulação, no nosso entender, não se refere a uma deliberação proposital, mas a um enviesamento inconsciente do pesquisador no anseio de buscar respostas para o seu problema de pesquisa (MANZINI, 2003).

Sobre a categoria seqüência das perguntas no roteiro, verificamos que, em oito roteiros, os participantes não seguiram uma seqüência, tendo como parâmetro ir das perguntas mais fáceis para as mais difíceis. Em cinco roteiros, também verificamos que os participantes não utilizaram perguntas dentro de blocos temáticos, ou seja, iniciavam indagando sobre um tema, depois vagavam para outro e depois voltavam a indagar sobre o tema anterior. Essa arrumação do roteiro em temas pode ser importante para manter a atenção do entrevistador num campo semântico.

Considerações finais

O estudo demonstra que as categorias de análise apresentadas podem ser generalizadas e empregadas por outros pesquisadores que usam a entrevista semi-estruturada para coletar informações.

Cabe aqui um lembrete, a entrevista semi-estruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem. Essa definição encampa diferentes tipos de entrevista, como a semi-estruturada, estruturada ou não estruturada. Porém, percebe-se que essa definição exclui outras formas para coletar dados de natureza verbal, tais como a entrevista por telefone, *internet* ou *chat*. Nessas formas de coleta de informações não teríamos uma interação face a face, mas outras condições estariam presentes como, perguntas, respostas, interpretações. Mesmo nesse último tipo de entrevista, as categorias de análise poderão ser utilizadas, pois estamos estudando formas de se fazer perguntas.

Podemos então vislumbrar dois grandes campos para estudar os tipos de intervenções que podem ocorrer, por um lado, num processo de coleta de dados face a face e, por outro, mediado por telefone ou por internet.

Num processo de coleta de dados face a face, a análise poderia nos levar a tentar estudar questões que estarão presentes no momento da coleta de dados, pois o resultado da interpretação irá depender da forma como os dados foram coletados. Os trabalhos de pesquisa, que usam a entrevista como procedimento para coletar informações, geralmente, não têm preocupação com a análise do próprio procedimento de coleta e nem sobre a influência desse procedimento nos dados (GILBERT, 1980; DIAS, 1997). Esse parecer ser um segundo ponto de análise que as categorias apontadas poderão ser empregadas, ou seja, como se deu a interação face a face?

Num processo de coleta de dados mediado por telefone ou por internet podemos, outras dimensões parecem que adquirir importante valor: por telefone podemos ter fortes atributos da voz, por exemplo. Já pelo chat teríamos fortes componentes da escrita. Em ambos também teremos um caminho no qual o diálogo se direciona. Estudar esse caminho, empregando uma análise seqüencial ou por meio de *clusters* pode resultar de melhor compreensão do processo de interação que ocorre no diálogo.

Pelo fato de a entrevista ser um processo de interação social os dados são de natureza social, e isso precisa ser levado em conta na interpretação dos resultados. Dessa forma, um dos primeiros passos pode ser a adequação dos roteiros como forma de o pesquisador se preparar, organizar e tomar ciência do processo de coleta de informações. Esse processo de análise do roteiro seria uma forma de o pesquisador interagir, simbolicamente, com um produto seu, ou

seja, o roteiro, frente a uma interação que ainda não ocorreu, mas que nesse processo de análise estaria se preparando para a situação real da coleta de informações por meio da entrevista semi-estruturada.

Palavras chaves: análise de roteiros, entrevista semi-estruturada, interação verbal.

Referências

BLANCHET, A. Complementations et interpretations d'un interviewer dans l'entretien de recherche: leurs effets sur le discours de l'interviewé. Paris, v. 33, n. 4, p. 280-288, 1988.

BLEGER, J. *Temas de Psicologia: entrevista e grupos*. Trad. Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BRENNER, M. The analysis of situated social action: the case of the research interview. In: GINSBURG, G.P.; BRENNER, M.; VON CRANACH, M. (Orgs.) *Discovery strategies in the psychology of action*. London: Academic Press, 1985. p. 207-227.

DIAS, T. R. S. A pessoa com deficiência mental em entrevista: estudo da interação entrevistador-entrevistado. *Temas sobre desenvolvimento*, São Paulo, v. 5, n. 30, p. 04-14, 1997.

DIAS, T. R. S.; OMOTE, S. Entrevista em Educação Especial: aspectos metodológicos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Piracicaba, v. 3, p. 93-100, 1995.

DISCOVERY CHANNEL, *Falsa memória*. Produção Pamela Caragol. Série Fronteiras da Ciência, 2001

GILBERT, G. N. Being interview: a role analysis. *Social Science Information*, London, Beverly Hills, v. 19, n. 2, p. 227-236, 1980.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E. J.; SIMÃO, L.M. Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo por meio de interações verbais. In: MANZINI, E. J. (Org.) *Linguagem, cognição e ensino do aluno com deficiência*. Marília: Unesp, 2001.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MANZINI, E.J. *Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo através de interações verbais*. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1995.

REA, L.M.; PARKER, R.A. *Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução*. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Eduardo José Manzini

E-mail: manzini@marilia.unesp.br